

A DRAMATURGIA DE JOÃO AUGUSTO POR FILÓLOGOS

Rosa Borges (UFBA)
rosaborges@ufba.br

RESUMO

João Augusto (1928–1979) nasceu no Rio de Janeiro, mas viveu e produziu na Bahia, de 1956 a 1979. Foi um sujeito de múltiplos papéis: dramaturgo, professor de teatro, ator, diretor, letrista, tradutor, colunista, entre outros. Seu acervo é um dos maiores no Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC) e tem sido objeto de nossa investigação desde o ano de 2006. Aborda-se, neste trabalho, acerca das produções dramáticas e literárias de João Augusto estudadas por pesquisadores que integram o Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob minha coordenação. Pretende-se trazer à cena os trabalhos desenvolvidos, pelo viés da prática filológica editorial, que põem em relevo os textos do referido autor, dando a conhecer, sobretudo, sua dramaturgia. Tais trabalhos se inscrevem no campo da Filologia, valendo-se das metodologias das críticas textual, genética e sociológica. Oferece-se ao público leitor de hoje uma visão da cena teatral baiana no contexto da ditadura militar, a partir da edição e crítica filológica de textos.

Palavras-chave:

Edição. Crítica filológica. João Augusto.

RESUMEN

João Augusto (1928–1979) nació en Río de Janeiro, pero vivió y produjo en Bahía de 1956 a 1979. Fue sujeto de múltiples roles: dramaturgo, profesor de teatro, actor, director, letrista, traductor, columnista, entre otros. Su colección es una de las más importantes del Archivo de Textos Teatrales Censurados (ATTC) y es objeto de nuestra investigación desde 2006. Este trabajo trata sobre las producciones dramáticas y literarias de João Augusto estudiadas por investigadores que forman parte del Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), bajo mi coordinación. Se pretende traer a escena las obras desarrolladas, a través de la práctica editorial filológica, que resaltan los textos del citado autor, dando a conocer, sobre todo, su dramaturgia. Tales obras se inscriben en el campo de la Filología, utilizando las metodologías de la crítica textual, genética y sociológica. A los lectores de hoy se les ofrece una visión de la escena teatral bahiana en el contexto de la dictadura militar, basada en la edición y crítica filológica de textos.

Palabras clave:

Edición. Crítica filológica. João Augusto.

1. *Palavras iniciais*

João Augusto Sérgio de Azevedo Filho¹ (1928–1979), conhecido como João Augusto, nasceu no Rio de Janeiro, viveu e produziu na Bahia de 1956 a 1979. Foi um sujeito de múltiplos papéis: dramaturgo, professor de teatro, ator, diretor, letrista, tradutor, colunista, entre outros. Seu acervo é um dos maiores no Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC) e tem sido objeto de nossa investigação desde o ano de 2006. Foi professor na Escola de Teatro da Universidade da Bahia (ETUB), fundada em 1956, a convite de Martim Gonçalves. Assumiu também “funções em órgãos governamentais, como o Serviço Nacional de Teatro e a Fundação Teatro Castro Alves” e “(a)ssinou uma coluna semanal de teatro no jornal *A Tarde*” (MEIRELLES, 2003, p. 4; 5).

Quanto ao teatro, fundou, em 1959, a Sociedade Teatro dos Novos, o primeiro grupo de teatro profissional da Bahia; em 1964, ano do golpe militar no Brasil, fundou o Teatro Vila Velha, de grande importância na formação e consolidação do atual teatro e cultura baianos² (HISTÓRIA..., *on-line*, 2008); em 1966, criou, com os Novos, o Teatro de Cordel, cujo objetivo era encenar adaptações das histórias populares nordestinas a partir dos folhetos (JESUS, 2008; 2014); no início dos anos 70, assumiu a direção do Teatro Livre da Bahia, que surgiu em 1968 da associação da atriz Sonia dos Humildes com o diretor Alberto D’Aversa (MEIRELLES, 2003; JESUS, 2008). João Augusto dirigiu o Teatro Livre da Bahia e o Vila Velha até a sua morte (MEIRELLES, 2003).

Algumas das produções dramáticas e literária de João Augusto foram estudadas por pesquisadores que integram o Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob minha coordenação. São eles: Ludmila Antunes de Jesus (2008; 2014), Liliam Carine da Silva Lima (2014), Dâmaris Carneiro dos Santos

¹ Mais informações sobre João Augusto consultar a dissertação e tese de Ludmila Antunes de Jesus (2008 (<http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10824>; 2014 (<http://www.pgglitcult.letas.ufba.br/en/node/416>)), o livro *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia*, páginas 70 a 72, no site <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26433>, e o artigo publicado na Revista *Léngua & Meia*, Brasil, n. 10, v. 1, p. 30-49 (BORGES; ALMEIDA, 2019, <http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia>). Consultar também trabalhos de Márcio Meirelles, entre eles, o que se encontra no site https://www.academia.edu/3768839/JOÃO_AUGUSTO_-_NOSSO_CONTEMPORÂNEO, de Lindolfo Alves do Amaral Filho e de Denise Pereira Silva.

² Conferir informação no site: http://www.teatro.ufba.br/escola/historia_escola_de_teatro.htm.

(2020) e Rosa Borges (2020). Destaca-se ainda o trabalho de organização do Acervo João Augusto por Emille Morgana Santos Mattos na Iniciação Científica nos períodos de 2017–2018 e 2018–2019.

Pelo viés da prática filológica editorial, damos a conhecer os textos editados do referido autor, sobretudo sua dramaturgia. Tais trabalhos se inscrevem no campo da Filologia, valendo-se das metodologias da crítica textual em suas diferentes abordagens – filológica, genética e sociológica. Desse modo, estaremos oferecendo ao público leitor de hoje uma visão da cena teatral baiana no contexto da ditadura militar, a partir das atividades de edição e crítica filológica de textos.

2. Edição e crítica filológica de textos de João Augusto

Como disse anteriormente, os textos de João Augusto foram objeto de nossa investigação desde o ano de 2006, quando iniciamos a pesquisa com os textos teatrais censurados. O primeiro trabalho desenvolvido foi a dissertação de Ludmila Antunes de Jesus (2008), seguida de sua tese de doutorado (2014) para estudo de textos do Teatro de Cordel. Outro trabalho, desta vez, de Liliam Carine da Silva Lima (2014), propõe a elaboração de uma edição genética dos manuscritos de uma obra inacabada, intitulada *Manual de Construção*. Ambos os trabalhos sob minha orientação. Dâmaris Carneiro dos Santos (2020), sob a orientação da Prof^a Dr^a Isabela Almeida, também propôs uma edição genética para *História da Paixão do Senhor*. No período de fevereiro de 2019 a fevereiro de 2020, realizei o pós-doutorado na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), sob a supervisão da Prof^a Dr^a Belem Clark de Lara, desenvolvendo um estudo crítico-filológico do texto teatral “Quincas Berro d’Água”, adaptado da novela de Jorge Amado por João Augusto. Seu acervo foi objeto de pesquisa na Iniciação Científica e resultou em alguns trabalhos publicados por Emille Morgana Santos Mattos.

Passarei a expor sobre o trabalho filológico que realizamos no que se refere aos textos de João Augusto, em conformidade com as vertentes editoriais assumidas pelo filólogo em sua prática editorial: a teleológica (platônica) e/ou a pragmática (sociológica) (BORGES; SACRAMENTO DE SOUZA, 2012). Embora nas primeiras edições realizadas assumíssemos uma prática teleológica, priorizando o princípio da unicidade, ao escolher um texto de base para sua fixação, conforme critérios adotados no estabelecimento do texto crítico, no avançar das pesquisas, optamos por realizar edições que priorizassem o princípio da variabilidade, de

acordo com a vertente editorial pragmática, como resultado das práticas que conjugam a crítica textual à crítica genética e à sociologia dos textos.

Nessa perspectiva, leva-se em conta

[...] a pluralidade de estados de um texto, de uma obra, seja pelos movimentos de gênese, seja pela ação dos diversos atores sociais no processo de transmissão textual. Considerando a perspectiva da produção textual e, somada a essa, a perspectiva da recepção, a partir da ação dos mediadores do processo de transmissão e de edição, outras modalidades da Crítica Textual se apresentam: a Crítica Textual Genética (Crítica Textual/Crítica Genética) e a Crítica Textual Sociológica (Crítica Textual/Sociologia dos Textos), respectivamente. Suas práticas põem em questão as edições realizadas, sobretudo a edição crítica, suas aplicações e finalidades, ao tempo em que esclarecem os produtos editoriais como ajustes à metodologia empregada, em concordância com as situações textuais investigadas e os propósitos do editor, visando determinado público (leitor/navegador), especialista ou não. (SANTOS, 2018, p. 499-500)

Os trabalhos que tenho orientadosituam-se no campo da Crítica Textual Moderna (MCGANN, 1983; TAVANI, 1988; CASTRO, 1990; BORGES *et al.*, 2012; DUARTE, 2019), considerando as modalidades da crítica textual genética e da crítica textual sociológica, produzindo *edições crítica, interpretativa, genética, sinóptica e fac-similar digital*, apresentando os produtos editoriais, segundo a prática filológica em perspectiva teleológica (disponibilizando apenas um texto) e/ou pragmática (trazendo os múltiplos textos em seus testemunhos e versões). Um movimento se faz importante, nessa trajetória editorial, do produto para o processo. A filologia interessa-se, nos estudos de textos de autores modernos e contemporâneos, pelos dois: produto e processo. Vejamos no quadro a seguir os trabalhos acadêmicos realizados a partir das obras de João Augusto:

Quadro 01: Trabalhos acadêmicos³ realizados para a produção de João Augusto.

	Título/Autoria/Orientação	Edições	Estudos crítico-filológicos
1.	<i>A Dramaturgia de João Augusto: edição crítica de textos produzidos na época da ditadura militar</i> , por Ludmila Antunes de Jesus (2008), orientado pela Profa. Dra. Rosa Borges	Crítica	Estudo do teatro de cordel

³ Tais trabalhos podem ser consultados no banco dissertações e teses da UFBA, através dos sites: <https://repositorio.ufba.br/ri/> e <https://ppglitcult.letras.ufba.br>.

2.	<i>Teatro de cordel de João Augusto entre arquivo(s), edição e estudos</i> , por Ludmila Antunes de Jesus (2014), orientado pela Prof ^a Dr ^a Rosa Borges	Interpretativa em suporte papel e interpretativa, diplomática e fac-similar em suporte digital (Arquivo hipertextual)	Estudo do teatro de cordel (processo de adaptação do folheto ao texto teatral)
3.	<i>Manual de construção, a arquitetura poética de João Augusto: edição genética e estudo crítico</i> , por Liliam Carine da Silva Lima (2014), orientado pela Prof ^a . Dra. Rosa Borges	Genética	Estudo do processo criativo (relação arquitetura e literatura)
4.	<i>História da Paixão do Senhor: edição genética e estudo do processo de criação</i> , por Dâmaris Carneiro dos Santos (2020), orientado pela Prof ^a Dr ^a Isabela Almeida	Genética	Estudo do processo criativo, a partir das rasuras no testemunho autógrafa
5.	<i>Estudio crítico-filológico de QUINCAS BERRO D'ÁGUA, adaptación de João Augusto de la novela de Jorge Amado: reflexiones sobre la práctica editorial</i> (Propuesta metodológica para la edición de textos teatrales), por Rosa Borges (2019-2020), supervisionado pela Prof ^a Dr ^a Belem Clark de Lara	Fac-similar digital e sinóptica (<i>Juxta Commons</i> ⁴)	Estudo do processo criativo (dossiê arquivístico e genético) e construção de uma proposta metodológica para a edição de textos teatrais

Fonte: elaborado pela autora.

Ludmila Antunes de Jesus (2008), em sua dissertação de mestrado intitulada *A Dramaturgia de João Augusto: edição crítica de textos produzidos na época da ditadura militar*, recortou, entre as produções teatrais de João Augusto, alguns dos textos do teatro de cordel, e elaborou para eles edições críticas. Foram editados os textos: “A Chegada de Lampião no inferno”; “Antônio, meu santo”; “Felismina Engole-Brasa” ou “O Inimigo dentro”; e “Quem não morre num vê Deus”.

Dando continuidade a esse trabalho, Jesus (2014), em sua tese, *Teatro de cordel de João Augusto entre arquivo(s), edição e estudos*, torna pública a trajetória artístico-intelectual desse dramaturgo, bem como a história dos textos em seus processos de transmissão e circulação, a partir das edições, diplomática, interpretativa e fac-similar digital, e do estudo de textos adaptados da literatura de cordel, com documentação censória, a saber: “O exemplo edificante de Maria Nocaute” ou “Os

⁴ Cf. site: <http://www.juxtasoftware.org/juxta-commons/>.

valores do homem primitivo”; “Felismina Engole-Brasa”; “As bagaceiras do amor”; “O marido que passou o cadeado na boca da mulher”. O dossiê (testemunhos dos textos selecionados, documentação censória, material de imprensa, fotografias, entre outros) e as edições são disponibilizadas ao público leitor em um arquivo hipertextual (SANTOS, 2018).

Realizamos para os textos aqui mencionados, edições crítica, interpretativa, diplomática e fac-similar. As edições críticas se aplicam a textos de tradição plural, que trazem várias marcas, autorais e não-autorais, com suas idiossincrasias, buscando-se, dentre os diversos testemunhos, eleger um texto de base para o exercício da prática editorial, que resultará no texto crítico, acompanhado de um ou mais aparato(s). As edições diplomática e interpretativa, aplicadas a textos de tradição singular, tinham funções distintas: a primeira buscava, através da transcrição conservadora, trazer as características do texto em seu suporte de transmissão; enquanto a segunda, apresenta um texto crítico que resulta das intervenções do filólogo-editor para atualização da ortografia, comentários e outros recursos que sejam necessários à edição do texto.

Em sua dissertação de mestrado, *Manual de construção, a arquitetura poética de João Augusto: edição genética e estudo crítico*, Liliam Carine Lima (2014) dedicou-se ao estudo de “Manual de Construção”, uma coletânea de poemas escritos por João Augusto, que não existe como obra acabada ou publicada. Optou pela feitura da edição genética vertical e desenvolvimento do estudo crítico-filológico que considera a relação literatura e arquitetura na trama do texto. A partir do confronto sinóptico entre as versões manuscritas, realizou uma leitura do processo criativo de João Augusto, passando por sua correspondência, considerando os movimentos de gênese, as etapas de escritura de cada poema, os intertextos, para entender a gênese do texto em questão.

Dâmaris Carneiro dos Santos (2020), em sua dissertação intitulada *História da Paixão do Senhor: edição genética e estudo do processo de criação*, recortou, para edição e estudo, uma das produções de João Augusto da década de 1960, “História da Paixão do Senhor”, cuja primeira montagem aconteceu em 1961. O texto resultada adaptação e compilação de dois textos medievais, “Mistério da paixão”, de Arnould Gréban, e “O pranto da Madona”, de Jacopone da Todì, e um texto moderno “A via Sacra”, de Paul Claudel, traduzidos por Estela Fróes. Propôs uma edição genética e a leitura crítico-filológica das rasuras que se apresentam no manuscrito selecionado, estudando o processo criativo de João Augusto na construção de seu texto.

Nas duas dissertações, a opção se fez pela edição genética. Esta, por sua vez, difere da edição elaborada pelos críticos genéticos, porém a base metodológica é a crítica genética.

Biasi (2010 [2000], p. 91-109) propõe a edição genética em duas grandes orientações: a edição que se ocupa de uma fase precisa da gênese e que tem por objetivo a publicação dos documentos dessa fase – **edição horizontal (edição de uma fase particular da gênese)** (GRÉSILLON, 2007[1994], p. 250)); a edição que visa a apresentar na ordem cronológica de sua formação todos os manuscritos e que publica todos os documentos, do projeto ao texto definitivo, que perpassam o itinerário das fases que atravessam o dossiê genético – **edição vertical (edição de um percurso genético integral)** (GRÉSILLON, 2007 [1994], p. 252)). (BORGES; SACRAMENTO DE SOUZA, 2012, p. 35) (grifo dos autores)

Dentre os textos que integram o Arquivo Textos Teatrais Censurados (ATTC), selecionei, para o estudo no pós-doutorado, “Quincas Berro d’Água”, novela de Jorge Amado intitulada “A morte e a morte de Quincas Berro D’Água”, adaptada para o teatro por João Augusto nas décadas de sessenta e setenta (1960 e 1970) e por ele dirigida. A escolha por este texto se deu pela diversidade de testemunhos (à época, 6; atualmente, 8)⁵ e documentos que formam o dossiê arquivístico e genético, e ainda pela possibilidade de explorar os movimentos do texto e sua transformação, apresentado como resultado diferentes versões, a partir das ações dos sujeitos que deixam marcas na materialidade textual, caracterizando, assim, uma autoria colaborativa. A partir do estudo crítico-filológico dos materiais que integram o dossiê “Quincas Berro d’Água” (testemunhos do texto da peça teatral, matérias de jornal, correspondência, documentação censória, entre outros), busquei construir uma reflexão sobre a prática filológica editorial e propor uma sistematização da metodologia utilizada na edição dos textos teatrais⁶.

Para o “Quincas Berro d’Água”, conforme estudo da tradição e transmissão textuais, preparei edição fac-similar digital de todos os testemunhos encontrados e a edição sinóptico-crítica⁷, instrumental, feita

⁵ Em janeiro de 2020, foram encontrados por Ludmila Antunes de Jesus na Fundação Casa de Jorge Amado dois outros testemunhos de “Quincas Berro d’Água”.

⁶ Que resultou no artigo intitulado “Uma metodologia para edição de textos do século XX”, publicado na Revista *Philologus*, ano 26, n. 76, em 2020.

⁷ Neste tipo de edição, reproduzimos lado a lado os testemunhos, “[...] buscando-se demonstrar pontos em que tais versões se aproximam ou se afastam, trazendo notas e comentários que visam esclarecer os textos em seus múltiplos aspectos” (BORGES; SACRAMENTO DE SOUZA, 2012, p. 38).

apenas para o cotejo entre os testemunhos e versões através do *software Juxta Commons*. Sugiro, no entanto, a realização de futuras edições para esse texto: edição crítica hipermídia, oferecendo os textos críticos (eleitos como centros provisórios) em formato PDF para impressão, sem aparatos, para fins de leitura e encenação, de cada versão completa (1967; 1972; 1975); edição interpretativa hipermídia, considerando os testemunhos que possibilitaram trazer o texto de cada versão (QBA2, QBA3 e QBA4 (Versão 1972); QBA5 e QBA6 (Versão 1975)); e edição genética digital, para dar conta do manuscrito autógrafo (QBA1), apresentando os mecanismos de escritura (reescritura) e as modificações do texto. Tais edições podem ser realizadas individualmente, de acordo com as abordagens críticas empreendidas pelo filólogo-editor, ou podem integrar um arquivo hipertextual (hiperedição), que disponibilizará o dossiê (arquivístico e/ou genético) e as edições, em uma edição eletrônica.⁸

No âmbito da pesquisa de Iniciação Científica, destaco os trabalhos desenvolvidos pela bolsista Emille Morgana Santos Mattos que se ocupou de organizar o Acervo João Augusto no ATTC em dois períodos de pesquisa: 2017-2018 e 2018-2019. Sobre a produção de João Augusto, publicou nos Anais do IX Seminário de Estudos Filológicos o trabalho intitulado “Por uma leitura filológica de As artes do Crioulo Doido de João Augusto” (MATTOS; BORGES, 2020, p. 222-35). Além deste trabalho, encaminhou para publicação nos Anais do V Simpósio Nacional de Crítica Genética e Arquivologia, o texto da comunicação: “Uma Leitura filológica da adaptação de ‘Os Setes Pecados Capitais’ por João Augusto” (MATTOS; SOUZA; BORGES, 2021).

Exceto o texto inacabado de “Manual de Construção”, os demais foram textos submetidos ao exame censório nas décadas de sessenta e setenta do século XX. No contexto político daquela época, a ditadura militar (1964–1985), por meio da censura, ditava as regras quanto ao julgamento das obras teatrais e cinematográficas que deveriam ter acesso ao público em geral. A Lei nº 5.536⁹, de 21 de novembro de 1968, e o

⁸ Tais informações constam do livro a ser publicado como resultado dos estudos de pós-doutoramento na UNAM.

⁹ Lei da Censura sancionada pelo presidente A. Costa e Silva (período de 1967 a 1969), que “Dispõe sobre a censura de obras teatrais e cinematográficas, cria o Conselho Superior de Censura, e dá outras providências” (LEI nº 5.536/68). Consultar a Lei, na íntegra, no site: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-5536-21-novembro-1968-357799-publicacaooriginal-1-pl.html>.

Decreto-lei nº 1.077¹⁰, que instituiu a censura prévia, controlavam as ações dos censores. As obras eram encaminhadas à Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) do Departamento de Polícia Federal (DPF), em Brasília, analisadas pelos censores, e apresentavam, em sua materialidade, cortes de palavras, trechos e cenas que alteravam os textos das peças teatrais ou justificavam a proibição para sua encenação.

Para além da censura moral e religiosa, havia, sobretudo, uma censura política e social, que, em nome dos princípios éticos e dos valores morais e da preocupação com a manutenção da ordem política e da segurança nacional, lançavam mão de canetas, lápis de cor ou de cera, e carimbos para fazer/registrar os “cortes”, liberar (parcial ou na íntegra) ou proibir a encenação das peças teatrais. Como podemos observar nos trechos hachurados, às folhas 16 e 17 do texto “Quem não morre num vê Deus”, datado de julho de 1974, os cortes referem-se a personagens, como Nossa Senhora, Noel, Judas, José, Jesus, Pedro, também ao Novo Testamento e a outras personalidades, como Rui Barbosa, Getúlio Vargas, Tomé de Souza, em tom de deboche, sobretudo no que tange à religião. Vejamos:

Figura 1: Cortes às folhas 16 e 17 de “Quem não morre não vê Deus”.

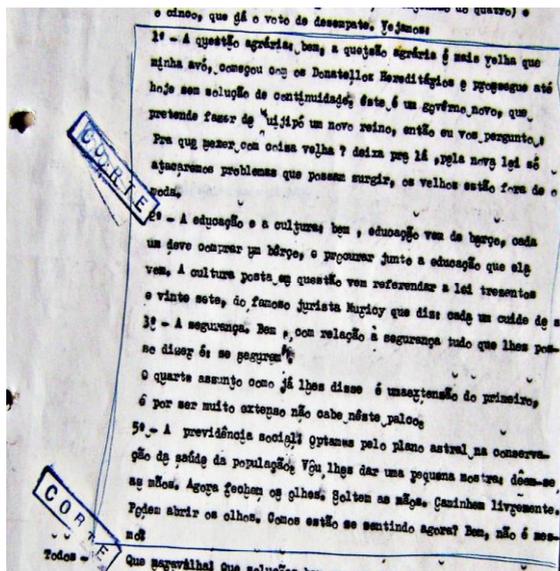


Fonte: AUGUSTO, 1974, f. 16-17.

¹⁰ Decreto-Lei, datado de 26 de janeiro de 1970, baixado pelo presidente Emílio G. Médici (período de 1969 a 1974), que “Dispõe sobre a execução do artigo 153, § 8º., parte final, da Constituição da República Federativa do Brasil”, que instituiu a censura prévia à imprensa, não sendo “toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos costumes, quaisquer que sejam os meios de comunicação” (DECRETO-LEI N. 1077/70). Consultar Decreto-Lei, na íntegra, no site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del1077.htm.

No texto “As artes do Crioulo Doido”, narra-se um fato que se passou num certo reino (Quijipó) e se desenvolve contando as ações do Crioulo Doido que toma o poder daquele lugar e determina seus atos de governo. Os cortes, nesta parte do texto, dizem respeito aos problemas sociais relacionados pelo Crioulo Doido como os graves glaucomas da sociedade: a questão agrária (f. 10, l. 9), a educação e a cultura (f. 10, l. 16), a segurança (f. 10, l. 20) e a previdência social (f. 10, l. 24) (SANTOS, 2008; MATTOS; BORGES, 2020).

Figura 2: Corte em “As artes do Crioulo Doido”.

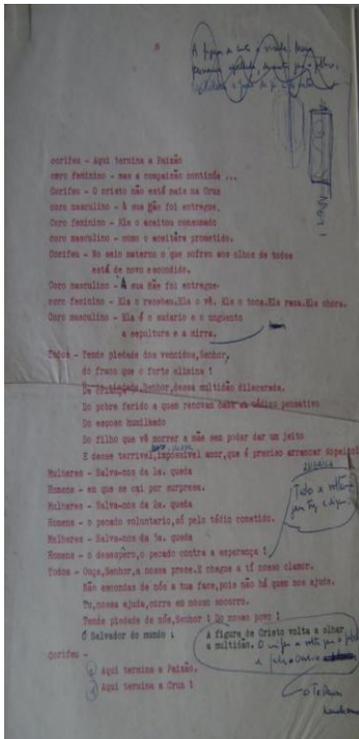


Fonte: AUGUSTO, [1978], f. 10.

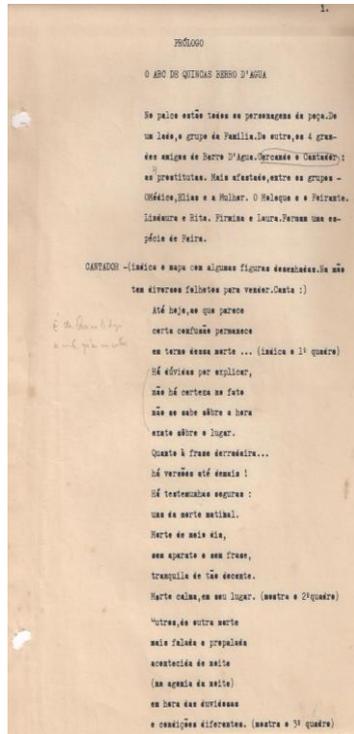
As figuras 3, 4 e 5 ilustram o que chamamos de manuscrito moderno, ou seja, aquele que registra os traços do processo de escritura de um texto por seu autor/escritor (manuscrito autógrafo). Nas figuras que seguem, apresentam-se anotações e rasuras de acréscimo, supressão, substituição, feitas a tinta e a lápis, das mãos do próprio João Augusto. Do cotejo entre os testemunhos e versões dos referidos textos (“História da Paixão do Senhor”, “Quincas Berro d’Água”, “Manual de Construção”) observam-se as alterações genéticas, os movimentos de gênese (cf.

Figura 3, 4 e 5) e a forma alcançada no nível terminal¹¹ ou final¹² (DUARTE, 2019) a que se chegou, principalmente nas versões que passam a limpo os textos (cf. Figura 5).

Figuras 3 e 4: Fac-símiles dos textos "História da Paixão do Senhor (T2, f. 12) e Quincas Berro d'Água (T1, f. 1) respectivamente



Fonte: AUGUSTO, [1961?], f. 12.



Fonte: AUGUSTO, [196-?], f. 1.

¹¹ “Nível terminal. Entende-se como a fase do processo genético do texto documentada no último testemunho em que o autor interveio; distingue-se de *nível final* por se considerar que o autor abandonou o texto antes de o considerar terminado” (DUARTE, 2019, p. 393) (grifo do autor).

¹² “Nível final. Entende-se como a fase do processo genético do texto documentada no último testemunho em que o autor interveio e que se pode afirmar como contendo o texto definitivo. Relaciona-se com *manuscrito definitivo*” (DUARTE, 2019, p. 393) (grifo do autor).

materialidade textual exige, como rasuras, revisões gramaticais e de linguagem, revisão do texto datilografado, anotações, feitas pelo autor/escritor/dramaturgo, e modificações textuais e intervenções que resultam das marcas deixadas por outros sujeitos, que não o autor, censores, atores, entre outros, para propor estudos e edições que permitam delinear nossa práxis filológica na contemporaneidade, bem como colaborar com a história do teatro na Bahia, pelo menos no que se refere à dramaturgia de João Augusto.

3. *Palavras finais*

O labor filológico empreendido pelos pesquisadores, aqui mencionados, trazem à cena acadêmica e ao leitor especialista ou comum o conhecimento da dramaturgia e literatura de um homem/artista de grande relevância para o teatro baiano. Nosso trabalho, ao tempo em que dar a conhecer, por meio das edições realizadas, os textos que circularam em dada época e lugar, propicia também uma leitura crítica, política e social, das materialidades e seus rastros exibidos pelos diferentes testemunhos de um(a) texto ou obra, como mostram as imagens trazidas no texto.

Pelos testemunhos que transmitem a obra literária e dramática, constroem-se saberes que falam de um período de repressão, de cerceamento da liberdade, de silenciamento, mas também de luta e desafios por parte daqueles que enfrentaram o governo, a ditadura, valendo-se, muitas vezes, de estratégias que permitiram driblar a censura para que os espetáculos pudessem acontecer.

Por fim, vimos que a filologia como crítica textual se ocupa do estudo da transmissão das obras, representada por seus vários testemunhos, e, nesse sentido, o filólogo-editor enfrenta diversos desafios para trazer ao público leitor textos representativos da literatura e da dramaturgia que foram, por muito tempo, silenciadas e esquecidas. Conforme as possibilidades de edição apresentadas nos trabalhos referidos, podemos trazer desde o fac-símile ao texto de cada testemunho ou o texto crítico, levando-se em conta os interesses dos filólogos em suas investigações e as particularidades da tradição, se singular (monotestemunhal) ou plural (politestemunhal).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO [AZEVEDO FILHO], João. *A morte de Quincas Berro d'Água*. [196-?].

_____. *As artes do Crioulo Doido*. Salvador, [1978].

_____. *História da Paixão do Senhor*. Salvador, [1961].

_____. *Manual de Construção*. Salvador, [19--?].

_____. *Os sete pecados capitais*. Salvador, 1973.

BIASI, Pierre Marc. *A Genética dos textos*. Trad. de Marie-Hélène Paret Passos. Porto Alegre: Delfos; EDPUCRS, 2010 [2000].

BORGES, Rosa *et al.* *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.

_____. *Estudio crítico-filológico de Quincas Berro D'Água, adaptación de João Augusto de la novela de Jorge Amado: reflexiones sobre la práctica editorial (Propuesta metodológica para la edición de textos teatrales)*. Ciudad de México, Seminario de Edición Crítica de Textos, Instituto de Investigaciones Filológicas, Universidad Nacional Autónoma de México, 2020. [submetido à publicação].

_____. Uma metodologia para a edição de textos do século XX. *Revista Philologus*, ano 26, n. 76, p. 788-806. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2020. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO26/76supl/57.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

_____; ALMEIDA, Isabela S. de. A correspondência nos acervos de Joao Augusto e Jurema Penna. *Légua & Meia: Revista Digital do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade de Feira de Santana, Feira de Santana, Brasil*, v. 10, n.1, p. 30-49, 2019. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/3658>. Acesso em: 09 set. 2019.

_____; SACRAMENTO DE SOUZA. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa *et al.* *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. p. 15-59.

CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1990.

DUARTE, Luiz Fagundes. *Os palácios da memória: ensaios de crítica textual*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/92994>. Acesso em: 06 set. 2019.

GRÉSILLON, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck *et al.* Porto Alegre: UFRGS, 2007 [1994].

HISTÓRIA da Escola de Teatro da UFBA. Salvador, 2008. Disponível em: http://www.teatro.ufba.br/escola/historia_escola_de_teatro.htm. Acesso em: 10 jul. 2018.

JESUS, Ludmila Antunes de. *A Dramaturgia de João Augusto: edição crítica de textos produzidos na época da ditadura militar*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras em Linguística, Universidade Federal da Bahia, 2008. 202f. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10824>. Acesso em: 28 jan. 2019.

JESUS, Ludmila Antunes de. *Teatro de cordel de João Augusto entre arquivo(s), edição e estudos*. + DVD. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. 177f. Disponível em: <http://www.ppglitcult.letras.ufba.br/en/node/416>. Acesso em: 28 jan. 2019.

LIMA, Liliam Carine da Silva. *Manual de construção, a arquitetura poética de João Augusto: edição genética e estudo crítico*. 2014. 207f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27356>. Acesso em: 28 jan. 2019.

MATTOS, Emille Morgana Santos; BORGES, Rosa. Por uma leitura filológica de As Artes do Crioulo Doido de João Augusto. In: SOUZA, Risonete Batista de *et al.* *Anais do IX Seminário de Estudos Filológicos (SEF): Filologia em diálogo: descentramentos culturais e epistemológicos*. Salvador: Memória & Arte, 2020. p. 222-35

MATTOS, Emille Morgana Santos; SOUZA, Débora de; BORGES, Rosa. Uma leitura filológica da adaptação de Os setes pecados capitais por João Augusto. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE CRÍTICA GENÉTICA E ARQUIVOLOGIA (*On-line*), 5., 2021. Piauí, Núcleo de Estudos

em Memória e Acervos – NEMA/UESPI, de 24 a 26 de março de 2021. [submetido à publicação nos Anais].

MCGANN, J. *A Critique of Modern Textual Criticism*. Charlottesville: University of Chicago Press, 1983.

MEIRELLES, Márcio. *João Augusto – Nosso contemporâneo*. Salvador, 21 ago. 2003. 15 p. Disponível em: https://www.academia.edu/3768839/JOÃO_AUGUSTO_-_NOSSO_CONTEMPORÂNEO. Acesso em: 26 jul. 2019.

SANTOS, Dâmaris Carneiro dos. *História da Paixão do Senhor: edição genética e estudo do processo de criação*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. 97f.

SANTOS, Rosa Borges dos. Estudos crítico-filológicos: teorias e práticas editoriais. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. *Cadernos do CNLF*, v. 22, n. 3. p. 494-503, Rio de Janeiro: CiFEFil, 2018. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxii_cnlf/cnlftomo01/035.pdf.

SANTOS, Rosa Borges dos. Texto e memória: edição e estudo de textos teatrais. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA. *Cadernos do CNLF*, v. 11, n. 6. p. 88-102, Rio de Janeiro: CiFEFil, 2008. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xicnlf/6/texto_e_memoria_edicao_e_estudo_de_texto.pdf. Acesso em: 06 jul.2021.

TAVANI, Giuseppe. Teoría y metodología de la edición crítica de textos literarios contemporáneos. In: LITTERATURE LATINO-AMERICAINE ET DES CARAIBES DU XX SIECLE: theorie et pratique de l'edition critique. Roma: Bulzoni, 1988. p. 65-84 (CollectionArchives)